

# Revista **a** EVOLUÇÃO



Brasil - Angola



**Andréia Novais Souto Ribeiro**  
O professor é o verdadeiro artista, ele faz com que grandes obras de artes apareçam.



**LANÇAMENTO**

**DESTAQUE**

O PROCESSO DE ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL DO ALUNO NA REPÚBLICA DE ANGOLA  
Prof. Dr. Menezes Clemente Cambinda



Coordenaram esta edição: Manuel Francisco Neto / Vilma Maria da Silva

Organização: Vilma Maria da Silva

<https://primeiraevolucao.com.br>



<https://doi.org/10.52078/issn2675-2573.rpe.58>

**Editor Responsável:** Antônio Raimundo Pereira Medrado

**Editor correspondente (ANGOLA):** Manuel Francisco Neto

**Coordenação editorial:**

Ana Paula de Lima  
Andreia Fernandes de Souza  
Antônio Raimundo Pereira Medrado  
Isac Chateaneuf  
José Wilton dos Santos  
Manuel Francisco Neto  
Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco  
Vilma Maria da Silva

**Com. de Avaliação e Leitura:**

Prof. Dr. Adeílson Batista Lins  
Prof. Me. Alexandre Passos Bitencourt  
Profa. Esp. Ana Paula de Lima  
Profa. Dra. Andreia Fernandes de Souza  
Profa. Bianca de Assis Pirahy  
Profa. Dra. Denise Mak  
Prof. Dr. Isac dos Santos Pereira  
Prof. Dr. Manuel Francisco Neto  
Profa. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco  
Profa. Esp. Mirella Clerici Loayza  
Profa. Dra. Thaís Thomaz Bovo

**Bibliotecária:**

Patrícia Martins da Silva Rede

**Colunistas:**

Prof. Dr. Adeílson Batista Lins  
Profa. Bianca de Assis Pirahy  
Prof. Dr. Isac Chateaneuf  
Jornalista João Domingos Terin (William Terin)  
Profa. Ma. Cleia Teixeira da Silva  
Prof. Me. José Wilton dos Santos  
Profa. Esp. Mirella Clerici Loayza

**Web-edição:**

T.I Lee Anthony Medrado

**Contatos**

Tel. 55(11) 99543-5703  
Whatsapp: 55(11) 99543-5703  
primeiraevolucao@gmail.com (S. Paulo)  
netomanuelfrancisco@gmail.com (Luanda)  
<https://primeiraevolucao.com.br>

**Imagens, fotos, vetores etc:**

<https://publicdomainvectors.org/>  
<https://pixabay.com>  
<https://www.pngwing.com>  
<https://br.freepik.com>

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antonio Raimundo Pereira Medrado. – ano 6, n. 58 (abr. 2025). – São Paulo : Edições Livro Alternativo, 2025. 151 p. : il. color

**Bibliografia**

Publicação contínua desde 2020.

Bimestral

e-ISSN 2675-2573

Disponível apenas online.

Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>

DOI 10.52078/issn2673-2573.rpe.58

1. Educação – Periódicos. 2. Pedagogia – Periódicos. I. Medrado, Antonio Raimundo Pereira, editor. II. Título.

CDD 22. ed. 370.5

Patrícia Martins da Silva Rede – Bibliotecária – CRB-8/5877

Em parceria com:



São Paulo | 2025

Publicada no Brasil por:

Livro Alternativo  
[www.livroalternaivo.com.br](http://www.livroalternaivo.com.br)  
CNPJ: 28.657.494/0001-09

## 05 EDITORIAL

Antônio R. P. Medrado

## 06 Catalog'Art; Naveg'Ações de Estudantes

Isac Chateaneuf

## 07 Ciência, Tecnologia & Sociedade

Adeilson Batista Lins

## 08 Educação & Literatura

Mirella Clerici Loayza

## 10 Palavras e Textos

Willian Terin

## 11 ENTRE LINHAS E LOUSAS

Bianca de Assis Pirahy

## 12 DESTAQUE

**ANDRÉIA NOVAIS SOUTO RIBEIRO**



# ARTIGOS

- 1. A EDUCAÇÃO COMO FERRAMENTA DE SUBMISSÃO E NÃO-CONTESTAÇÃO**  
*Antonio Raimundo Pereira Medrado* 19
- 2. A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE NO SETOR PRIVADO E SEUS IMPACTOS NA QUALIDADE DO ENSINO SUPERIOR**  
*Constantino João Manuel* 27
- 3. ANÁLISE PANORÂMICA SOBRE GOLPE DE ESTADO EM ÁFRICA COMO UM ATENTADO À DEMOCRACIA**  
*Edson da Conceição Graça* 31
- 4. JOGOS VARIADOS (ALÉM DOS PEDAGÓGICOS) COMO ESTRATÉGIA DE DESAFIO PROPICIANDO INTEGRAÇÃO E COOPERAÇÃO**  
*Fátima Cristina Moraes da Silva Soares* 39
- 5. A AVALIAÇÃO DE DESEMPENHO DOS PROFESSORES - UM INSTRUMENTO PARA A MELHORIA NA ACTUAÇÃO DOCENTE**  
*Fernando Massi Argentino* 47
- 6. INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN NA EDUCAÇÃO BÁSICA**  
*Josefa Bezerra de Meneses* 61
- 7. A SAÚDE DO PROFESSOR EM QUESTÃO: PRIORIDADE OU NEGLIGÊNCIA NAS ESCOLAS?**  
*Luzinete Bispo dos Santos* 69
- 8. CONFLITOS E MEDIAÇÃO EM CONTEXTO ESCOLAR: UM OLHAR À LUZ DAS ESCOLAS PÚBLICAS DE LUANDA**  
*Manuel Paulo Chamorro* 79
- 9. PREVENÇÃO DE CÂNCER DE PELE NA ADOLESCÊNCIA**  
*Marilena Wackler* 91
- 10. O PROCESSO DE ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL DO ALUNO NA REPÚBLICA DE ANGOLA**  
*Menezes Clemente Cambinda* 97
- 11. UMA ANÁLISE SOBRE A IMPORTÂNCIA DO SEGUNDO ADULTO REFERÊNCIA NA INCLUSÃO NAS CLASSES REGULARES DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE SÃO PAULO**  
*Mirella Clerici Loayza* 107
- 12. IMPLICAÇÕES DA PRÁTICA DE GESTÃO RECURSOS HUMANOS NO DESENVOLVIMENTO DAS EMPRESAS**  
*Sebastião Avelino Ferreira Fernando* 115
- 13. O OLHAR DA INFÂNCIA: FOTOGRAFIA E TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**  
*Solange Alves Gomes Zaghi* 119
- 14. REFLEXÕES SOBRE OPERACIONALIZAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS EM ANGOLA**  
*Tavares dos Santos Muhongo* 125
- 15. BRINCADEIRAS TRADICIONAIS E A METODOLOGIA PIKLER PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL**  
*Thais Maranhão Pereira Rodrigues* 137
- 16. COMPREENDENDO A PSICOLOGIA COMPARADA: UM CONTRIBUTO À FORMAÇÃO DE PSICÓLOGOS**  
*Wilder Dala Quinjango* 145



**ESTA REVISTA É MANTIDA E FINANCIADA POR PROFESSORAS E PROFESSORES.  
SUA DISTRIBUIÇÃO É, E SEMPRE SERÁ, LIVRE E GRATUITA.**

A **REVISTA PRIMEIRA EVOLUÇÃO** é um projeto editorial idealizado pela **Edições Livro Alternativo** com o objetivo de **empoderar e inspirar educadores** na jornada de compartilhar suas pesquisas, estudos, experiências e relatos de vivências.

**UM CORPO EDITORIAL DE EXCELÊNCIA:**

Nossa equipe conta com especialistas, mestres e doutores(as), todos com vasta experiência na rede pública de ensino, além de profissionais experientes nas áreas do livro e da tecnologia da informação. Essa expertise garante a qualidade e o rigor científico das publicações da revista.

**INDEPENDÊNCIA E AUTONOMIA:**

Um dos nossos diferenciais é a total independência, viabilizada pelo **financiamento colaborativo de professores e professoras**. Essa autonomia nos permite defender a liberdade de expressão e a diversidade de ideias, priorizando a qualidade dos conteúdos e o impacto positivo na educação.

**PROPÓSITOS QUE IMPULSIONAM A TRANSFORMAÇÃO:**

- **Promover o debate** crítico e reflexivo sobre os diversos aspectos da educação, com base nas vivências, pesquisas, estudos e experiências dos profissionais da área;
- **Proporcionar a publicação** de livros, artigos e ensaios que contribuam para o aprimoramento da educação e o desenvolvimento profissional dos educadores;
- **Apoiar a publicação** de obras de autores independentes, democratizando o acesso à informação e promovendo a diversidade de vozes;
- **Incentivar o uso de softwares livres** na produção de materiais didáticos e na difusão do conhecimento, promovendo a inclusão digital e a redução de custos;
- **Fomentar a produção de livros** por professores e autores independentes, reconhecendo e valorizando a experiência e o saber dos profissionais da educação;

**PRINCÍPIOS QUE GUIAM A NOSSA ATUAÇÃO:**

- **Priorizar trabalhos voltados para a educação**, cultura e produções independentes, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e democrática;
- **Utilizar exclusivamente softwares livres** na produção de livros, revistas e materiais de divulgação, promovendo a transparência, a colaboração e a acessibilidade;
- **Incentivar a produção de obras coletivas** por profissionais da educação, fomentando a colaboração e o compartilhamento de conhecimentos;
- **Publicar e divulgar livros de professores** e autores independentes, valorizando a diversidade de vozes e perspectivas na educação;
- **Respeitar a liberdade e autonomia** dos autores, garantindo a originalidade e a autenticidade das obras publicadas;
- **Combater o despotismo, o preconceito e a superstição**, defendendo os valores da democracia, da tolerância e do respeito à diversidade;
- **Promover a diversidade e a inclusão**, valorizando as diferentes culturas, identidades e experiências presentes na comunidade educacional.

A **REVISTA PRIMEIRA EVOLUÇÃO** é mais do que uma revista, é um movimento pela transformação da educação, um espaço para a colaboração, o aprendizado e a inovação.

**Junte-se a nós e faça parte da construção de um futuro mais promissor para a educação!**

**INSTITUIÇÕES PARCEIRAS**



Indexadores: \_\_\_\_\_



Filiada à:



Produzida exclusivamente com utilização de softwares livres





## A EDUCAÇÃO COMO FERRAMENTA DE SUBMISSÃO E NÃO-CONTESTAÇÃO

ANTONIO RAIMUNDO PEREIRA MEDRADO<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo analisa criticamente a educação formal como instrumento de controle social, utilizando uma abordagem interdisciplinar fundamentada em perspectivas anarquistas e sociológicas. Com base nas contribuições de Emma Goldman, Francisco Ferrer i Guàrdia, Ivan Illich, Pierre Bourdieu, Max Stirner, Mikhail Bakunin, Errico Malatesta, Voltairine de Cleyre, Peter Kropotkin, Élisée Reclus, bell hooks, e Silvio Gallo, argumenta-se que a educação, frequentemente celebrada como emancipatória, atua como mecanismo de reprodução das estruturas de dominação, moldando sujeitos conformados às normas sociais, políticas e econômicas. A escola, por meio de currículos padronizados, práticas disciplinares e hierarquias, reforça a obediência, suprimindo a contestação. Propõe-se uma educação libertária que priorize a autonomia, o pensamento crítico e a transformação social, alinhada aos princípios anarquistas de liberdade individual e coletiva.

**Palavras-chave:** Educação crítica. Pedagogia anarquista. Controle social. Submissão. Desescolarização. Emancipação.

### INTRODUÇÃO

A educação formal é frequentemente apresentada como pilar do progresso humano, associada à promessa iluminista de emancipação por meio da razão e do conhecimento. Contudo, sua função ideológica como aparelho de controle social permanece subexplorada. Apropriada por instituições estatais e capitalistas, a educação privilegia a adaptação ao status quo, suprimindo a reflexão crítica e a contestação das estruturas de poder. Este artigo oferece uma análise crítica da educação como ferramenta de submissão, fundamentada em perspectivas anarquistas e sociológicas que desconstruem sua neutralidade aparente, com o objetivo de propor um modelo educativo libertário que promova autonomia e transformação social.

Emma Goldman (1970), uma das vozes mais influentes do anarquismo, argumenta que a educação deve ser um processo de libertação, não de domesticação. Ela critica a escola tradicional por moldar indivíduos obedientes, afirmando: "A verdadeira educação deve ser um processo que liberta os indivíduos de toda forma de autoridade e opressão, promovendo a autonomia e o pensamento crítico" (Goldman, 1970, p. 58). Essa visão é compartilhada por Francisco Ferrer i Guàrdia, que rejeitava a educação autoritária, e por pensadoras como bell hooks, que analisa a interseção entre educação e opressões de gênero e raça. Silvio Gallo (2012), filósofo brasileiro com influência anarquista, também critica a educação formal por sua tendência a reprimir a criatividade,

<sup>1</sup> Professor na rede pública de ensino de São Paulo. Atualmente, no Núcleo educacional do CEU Inácio Monteiro.

defendendo uma pedagogia que estimule a experimentação.

A análise dialoga com pensadores como Mikhail Bakunin, Max Stirner, Ivan Illich, Pierre Bourdieu, Errico Malatesta, Voltairine de Cleyre, Peter Kropotkin, Élisée Reclus, e Bell Hooks, para desvelar como a educação formal perpetua hierarquias e inibe a resistência. A escola, ao invés de ser um espaço de emancipação, frequentemente atua como um mecanismo de reprodução das estruturas de dominação, moldando sujeitos que aceitam as normas sociais sem questioná-las. Essa crítica é particularmente relevante em um contexto global onde a educação é cada vez mais alinhada às demandas do mercado, priorizando a formação de trabalhadores em detrimento de cidadãos críticos.

O artigo estrutura-se em torno de uma análise das funções ideológicas da escola, explorando como ela opera como aparelho de controle social, reproduz ideologias dominantes e normaliza a obediência. A seguir, propõe-se uma alternativa libertária que valorize a autonomia, a liberdade e a transformação social, rompendo com a lógica de submissão. A inclusão de perspectivas anarquistas permite uma crítica radical às estruturas educacionais, enquanto a integração de autores como Bourdieu e hooks enriquece a análise ao abordar as dimensões sociais e interseccionais da educação.

### **A ESCOLA COMO INSTRUMENTO DE CONTROLE SOCIAL**

Louis Althusser (1970) oferece uma base teórica para compreender a educação como aparelho ideológico do Estado. Ele argumenta que a escola não é um espaço neutro de transmissão do saber, mas um mecanismo que reproduz as ideologias dominantes, moldando sujeitos para aceitar a ordem social. Althusser afirma:

Os aparelhos ideológicos do Estado são os responsáveis por transmitir as ideologias dominantes, e a escola é um dos mais eficazes, pois ali se forma o sujeito para a aceitação da ordem social vigente” (Althusser, 1970, p. 102).

Esse processo ocorre por meio de currículos que priorizam valores dominantes, práticas disciplinares que reforçam a obediência e estruturas hierárquicas que naturalizam a subordinação.

Já Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron (1970) aprofundam essa crítica com o conceito de “capital cultural”. Eles demonstram que o sistema educacional favorece indivíduos imersos nos códigos culturais das classes dominantes, marginalizando aqueles que não os possuem. Como afirmam,

...o sistema educacional é a principal máquina de reprodução das desigualdades sociais, pois, ao legitimar os valores das classes dominantes, ele exclui e marginaliza aqueles que não estão imersos nesse campo simbólico” (Bourdieu & Passeron, 1970, p. 95).

A escola, assim, perpetua desigualdades e as legitima como mérito individual, mascarando as barreiras estruturais enfrentadas pelas classes subalternas.

Ivan Illich (1971), em *Sociedade sem Escolas*, radicaliza a crítica ao propor a desescolarização. Ele argumenta que a institucionalização da educação transforma a aprendizagem em um processo controlado, afastando o indivíduo da autonomia. Illich sustenta que “ao institucionalizar a aprendizagem, transformamos os indivíduos em objetos de controle, distantes da verdadeira autonomia que a educação deve proporcionar” (Illich, 1971, p. 42). Sua proposta defende redes de aprendizagem autodirigidas, alinhadas aos princípios anarquistas de liberdade, que desafiam a lógica hierárquica da escola tradicional.

O anarquista Mikhail Bakunin (1871) critica a educação estatal como ferramenta de domesticação, argumentando que o Estado utiliza a escola para formar indivíduos subservientes. Ele escreve: “O Estado usa a educação para criar servos leais, incapazes de questionar sua autoridade” (Bakunin, 1971, p. 134). Bakunin enfatiza a necessidade de uma educação que promova a resistência e a

solidariedade, em oposição à submissão. Sua crítica ressoa com a de Élisée Reclus (1894), que condena a padronização do ensino por suprimir a diversidade cultural e individual. Reclus sugere que

a educação deve respeitar a singularidade de cada indivíduo, promovendo a liberdade em vez de uniformidade (Reclus, 1894, p. 210).

Professores como Silvio Gallo (2012) complementa essa análise, observando que a escola tradicional reprime a criatividade ao priorizar a disciplina. Ele argumenta que “a educação formal, ao impor normas rígidas, inibe o potencial libertador do pensamento crítico” (Gallo, 2012, p. 45). Gallo defende uma pedagogia que estimule a experimentação, alinhada aos ideais anarquistas de autonomia e liberdade. Sua crítica destaca como a escola, ao alinhar-se às demandas do mercado, transforma o estudante em um recurso produtivo, em vez de um sujeito crítico capaz de transformar a sociedade.

A integração dessas perspectivas revela que a escola não é apenas um espaço de transmissão de conhecimento, mas um campo de batalha ideológico onde se disputam os valores e normas que moldam a sociedade. A crítica anarquista, ao rejeitar qualquer forma de autoridade, oferece uma lente poderosa para desvelar como a educação formal perpetua a dominação, enquanto a análise sociológica de Bourdieu e Passeron ilumina os mecanismos sutis pelos quais as desigualdades são reproduzidas.

## **EDUCAÇÃO E SUBMISSÃO NA PERSPECTIVA ANARQUISTA**

O pensamento anarquista posiciona a educação como prática de liberdade, rejeitando sua instrumentalização para a conformidade. Francisco Ferrer i Guàrdia, fundador da Escola Moderna em Barcelona, desenvolveu um modelo pedagógico que priorizava a autonomia e a reflexão crítica. Ele acreditava que a educação deveria ser um espaço de experimentação, afirmando: “A verdadeira educação não deve ser um campo de obediência, mas um espaço de

liberdade e reflexão” (Ferrer, 1901, p. 120). A Escola Moderna promovia a coeducação, a igualdade de gênero e a ausência de punições, rompendo com a rigidez disciplinar e criando um ambiente onde os estudantes eram protagonistas de seu aprendizado.

Emma Goldman reforça essa crítica, argumentando que a educação formal suprime a criatividade e molda indivíduos para servir ao Estado e ao capital. Ela afirma: “A educação imposta pelo Estado é uma forma de violência, pois nega ao indivíduo o direito de explorar seu potencial livremente” (Goldman, 1970, p. 62). Sua visão ressoa com a de Voltairine de Cleyre, que via a escola como uma prisão mental. De Cleyre (1914) escreve:

A escola é uma prisão para a mente, onde as crianças são treinadas para aceitar a autoridade sem questionar (de Cleyre, 1914, p. 78).

Essa crítica destaca como a educação tradicional reprime a espontaneidade, essencial para o desenvolvimento de uma consciência crítica.

Numa perspectiva mais radical, Max Stirner (1844) se manifesta rejeitando qualquer forma de autoridade, incluindo a educacional. Em *O Único e Sua Propriedade*, ele argumenta que a educação tradicional subordina o indivíduo às necessidades da sociedade, violando sua singularidade. Stirner afirma:

A educação, tal como é organizada pela sociedade, não passa de um instrumento de subordinação, pois ela busca moldar o ser humano de acordo com as necessidades da autoridade (Stirner, 1844, p. 87).

Sua ênfase na liberdade absoluta desafia qualquer imposição pedagógica, propondo uma educação que respeite a soberania do indivíduo.

Errico Malatesta (1920) aborda a educação como prática política, defendendo um modelo que prepare os indivíduos para a luta contra a opressão. Ele escreve: “A educação deve capacitar os trabalhadores a compreenderem sua condição e a lutarem por sua libertação” (Malatesta, 1920, p. 45). Sua visão integra a dimensão coletiva do anarquismo,

contrastando com a perspectiva individualista de Stirner, e enfatiza a educação como ferramenta de transformação social.

Quando a questão é engajamento, bell hooks (1994) analisa a educação sob a perspectiva de gênero e raça, criticando a marginalização de vozes minoritárias. Em *Teaching to Transgress*, ela propõe uma “pedagogia engajada” que valorize a diversidade. hooks afirma: “A educação deve ser um ato de liberdade, um espaço onde todos possam se reconhecer como sujeitos ativos na construção do saber” (hooks, 1994, p. 15). Sua crítica enriquece a perspectiva anarquista ao destacar a inclusão, abordando as opressões interseccionais que a escola tradicional perpetua.

Na defesa de uma educação libertária que estimule a experimentação, Silvio Gallo (2012) observa que “a educação formal, ao priorizar a obediência, sufoca a capacidade de criar e questionar” (Gallo, 2012, p. 60). Sua proposta alinha-se aos ideais anarquistas, enfatizando a necessidade de práticas pedagógicas que promovam a autonomia e a criatividade, em oposição à lógica disciplinar da escola tradicional.

A perspectiva anarquista, ao rejeitar a autoridade e valorizar a liberdade, oferece uma crítica radical à educação formal, enquanto a integração de pensadores como hooks e Gallo amplia a análise ao abordar questões de inclusão e experimentação. Essa abordagem interdisciplinar revela que a educação, em sua forma atual, está mais alinhada à manutenção do poder do que à emancipação dos indivíduos.

A Formação da Obediência como Objetivo Escolar

A estrutura da educação formal é projetada para produzir sujeitos obedientes, moldados por práticas disciplinares que normalizam a submissão. Michel Foucault (1975) analisa a escola como uma instituição de controle, comparável a prisões e quartéis. Ele argumenta que

...as escolas são locais de formação da docilidade dos corpos, um espaço em

que as individualidades são moldadas para se ajustarem às necessidades do mercado e do poder (Foucault, 1975, p. 155).

A organização do tempo (horários rígidos), do espaço (salas hierárquicas) e das práticas avaliativas (notas e punições) cria um ambiente de vigilância constante, onde a conformidade é recompensada e a dissidência, punida.

O currículo escolar, determinado por interesses econômicos e políticos, prioriza competências que atendem ao mercado de trabalho, limitando a formação crítica. Illich (1971) observa que “a escola transforma a educação em um processo de certificação, onde o aprendizado é subordinado à produção de trabalhadores obedientes” (Illich, 1971, p. 50). A meritocracia, apresentada como justa, mascara desigualdades estruturais, legitimando a exclusão de classes subalternas. Bourdieu e Passeron (1970) reforçam que o sistema educacional perpetua a dominação ao valorizar o capital cultural das elites, desvalorizando saberes populares.

Voltaire de Cleyre (1914) destaca como a escola reprime a individualidade, argumentando que “o sistema escolar destrói a curiosidade natural, substituindo-a por uma obediência cega às regras” (de Cleyre, 1914, p. 80). Essa repressão é agravada por práticas avaliativas que priorizam a memorização, desincentivando a criatividade. Kropotkin (1902) critica a competição promovida pelas escolas, que reforça valores capitalistas. Ele escreve: “A educação atual serve ao capital, não à humanidade, produzindo indivíduos isolados e subservientes” (Kropotkin, 1902, p. 160).

Élisée Reclus (1894) critica a homogeneização cultural imposta pela escola, argumentando que “a educação estatal apaga as diferenças culturais, impondo uma visão única que serve aos interesses do poder” (Reclus, 1894, p. 212). Sua visão enfatiza a necessidade de uma educação que respeite a diversidade, em oposição à uniformidade imposta pelo sistema escolar.

A análise dessas perspectivas revela que a escola, ao invés de promover a liberdade, atua como um dispositivo de normalização, moldando sujeitos que internalizam a obediência como virtude. A integração de críticas anarquistas e sociológicas ilumina os mecanismos pelos quais a educação formal perpetua a dominação, destacando a necessidade de alternativas que priorizem a autonomia e a resistência.

### **A REPRODUÇÃO DA IDEOLOGIA DOMINANTE**

A educação formal internaliza ideologias que sustentam a ordem social, operando como um espaço privilegiado para a reprodução ideológica. Althusser (1970) argumenta que a escola disfarça seu papel coercitivo como formação neutra, inculcando a ideologia dominante desde cedo. Ele observa que “a ideologia dominante é inculcada nas crianças por meio de conteúdos curriculares que glorificam o Estado e o capitalismo” (Althusser, 1970, p. 108). A exclusão de narrativas alternativas, como histórias de resistência popular, reforça esse processo, limitando o acesso a perspectivas que desafiem o status quo.

Bourdieu e Passeron (1970) destacam que a escola legitima a cultura dominante, desvalorizando saberes populares. Eles afirmam que “o sistema educacional consagra a cultura das classes dominantes como a única legítima, desvalorizando as experiências das classes subalternas” (Bourdieu & Passeron, 1970, p. 100). Essa legitimação contribui para a aceitação das desigualdades como naturais, mascarando as estruturas de poder que as sustentam.

Emma Goldman (1970) critica a exclusão de ideias radicais do currículo, argumentando que “a escola silencia vozes que desafiam o poder, privando os estudantes de ferramentas para a resistência” (Goldman, 1970, p. 66). Errico Malatesta (1920) sugere que a educação estatal impede a conscientização política dos oprimidos, afirmando: “A escola ensina obediência, não rebelião, garantindo que os trabalhadores permaneçam submissos” (Malatesta, 1920, p. 48). Essa crítica destaca como a escola atua como um

filtro ideológico, selecionando conteúdos que reforçam a ordem estabelecida.

Silvio Gallo (2012) observa que a escola tradicional reforça a ideologia capitalista ao priorizar a produtividade. Ele escreve: “A educação formal está a serviço da lógica mercadológica, transformando o estudante em um recurso humano, não em um sujeito crítico” (Gallo, 2012, p. 55). Sua análise revela como a educação alinha-se às demandas do mercado, marginalizando saberes que não atendam a interesses econômicos. Élisée Reclus (1894) complementa, criticando a imposição de uma visão única que apaga a diversidade cultural. Ele sugere que “a educação deve ser um espaço de diálogo, não de imposição de verdades universais” (Reclus, 1894, p. 214).

A reprodução ideológica na escola não é apenas um processo de transmissão de conteúdos, mas também de formação de subjetividades. A exclusão de perspectivas dissidentes e a valorização de valores dominantes moldam um sujeito que internaliza a obediência como natural, dificultando a emergência de uma consciência crítica capaz de desafiar as estruturas de poder.

### **A DISCIPLINA E A NORMALIZAÇÃO DO SUJEITO**

A escola opera como um dispositivo disciplinar que normaliza comportamentos e pensamentos, produzindo sujeitos dóceis e úteis ao sistema produtivo. Michel Foucault (1975) argumenta que a disciplina escolar transforma o indivíduo em um sujeito controlado por meio de práticas como exames e hierarquias. Ele observa que “a escola, por meio de práticas disciplinares, transforma o indivíduo em um sujeito controlado, pronto para se ajustar às exigências do poder” (Foucault, 1975, p. 160). A avaliação contínua e a competição reforçam a conformidade, enquanto a vigilância constante inibe a dissidência.

Voltairine de Cleyre (1914) critica a disciplina escolar por reprimir a espontaneidade. Ela afirma: “A disciplina escolar destrói a liberdade da criança, ensinando-a a temer a

autoridade” (de Cleyre, 1914, p. 82). Sua crítica destaca como a escola, ao impor normas rígidas, suprime a curiosidade natural, essencial para o desenvolvimento de uma consciência crítica. Élisée Reclus (1894) sugere que a normalização escolar apaga a diversidade, impondo um modelo único de sujeito. Ele escreve:

escola padroniza o pensamento, eliminando a riqueza da pluralidade humana” (Reclus, 1894, p. 215).

Gallo (2012) observa que a disciplina escolar inibe a experimentação, essencial para o pensamento crítico. Ele argumenta que “a escola, ao impor normas rígidas, sufoca a capacidade de criar e questionar” (Gallo, 2012, p. 60). Sua visão reforça a necessidade de práticas pedagógicas que valorizem a liberdade, em oposição à lógica disciplinar. Peter Kropotkin (1902) complementa, criticando a competição promovida pela escola, que reforça o individualismo. Ele sugere que “a educação deve promover a cooperação, não a rivalidade, para construir uma sociedade igualitária” (Kropotkin, 1902, p. 158).

A normalização do sujeito na escola é um processo que vai além da disciplina física, abrangendo a formação de uma mentalidade conformista. A integração de práticas avaliativas, currículos padronizados e hierarquias cria um ambiente onde a obediência é naturalizada, dificultando o surgimento de práticas de resistência.

### **ALTERNATIVAS LIBERTÁRIAS PARA A EDUCAÇÃO**

A crítica à educação formal aponta para a necessidade de modelos alternativos que priorizem a liberdade e a autonomia. A pedagogia anarquista, como proposta por Francisco Ferrer i Guàrdia, oferece um caminho para a emancipação. A Escola Moderna promovia a coeducação, a igualdade de gênero e a ausência de punições, criando um ambiente onde os estudantes eram protagonistas. Ferrer afirmava que “a educação deve ser um processo de descoberta, não de imposição” (Ferrer, 1901, p. 122). Sua abordagem enfatizava a experimentação e a reflexão crítica, rompendo com a lógica autoritária da escola tradicional.

Ivan Illich (1971) propõe a desescolarização, defendendo redes de aprendizagem informais que respeitem a autonomia do indivíduo. Ele sugere “redes de aprendizado que permitam a cada pessoa definir o que, quando e como deseja aprender” (Illich, 1971, p. 78). Sua visão é compatível com a proposta de Peter Kropotkin, que defendia comunidades educacionais baseadas na ajuda mútua. Kropotkin (1902) escreve:

A educação deve ser um processo coletivo, onde a cooperação substitui a competição (Kropotkin, 1902, p. 158).

bell hooks (1994) propõe uma educação transgressora que desafie opressões de raça, gênero e classe. Sua pedagogia engajada valoriza a diversidade e incentiva os estudantes a questionarem o poder. Ela afirma: “Ensinar é um ato político, uma prática que pode transformar a sociedade ao capacitar os marginalizados” (hooks, 1994, p. 20). Sua abordagem complementa a pedagogia anarquista ao destacar a inclusão, abordando as opressões interseccionais que a escola tradicional perpetua.

Errico Malatesta (1920) defende uma educação que combine autonomia individual com solidariedade coletiva, preparando os indivíduos para a luta social. Ele sugere que “a educação deve ser um processo de empoderamento, capacitando os oprimidos a construir uma sociedade sem hierarquias” (Malatesta, 1920, p. 50). Voltairine de Cleyre (1914) propõe uma educação que preserve a curiosidade, afirmando:

A verdadeira educação deve ser um processo de autoexploração, guiado pela liberdade (de Cleyre, 1914, p. 82).

Élisée Reclus (1894) sugere uma educação que respeite a diversidade cultural, escrevendo: “A educação deve ser um diálogo com o mundo, não uma imposição de verdades universais” (Reclus, 1894, p. 214). Sua visão reforça a necessidade de práticas pedagógicas que valorizem a pluralidade, em oposição à homogeneização imposta pela escola tradicional. Silvio Gallo (2012) defende uma educação libertária que estimule a experimentação,

observando que “a educação deve ser um espaço de criação, onde o estudante seja sujeito ativo, não objeto passivo” (Gallo, 2012, p. 65). Sua proposta alinha-se aos ideais anarquistas de autonomia e liberdade.

A integração dessas perspectivas revela que a educação libertária não é apenas uma crítica à escola tradicional, mas uma proposta concreta para a construção de práticas pedagógicas que promovam a emancipação. A ênfase na autonomia, na cooperação e na inclusão oferece um caminho para transformar a educação em uma ferramenta de resistência e transformação social.

### **CONCLUSÃO: POR UMA EDUCAÇÃO LIBERTÁRIA**

A educação formal, em sua forma predominante, funciona como instrumento de controle social, reproduzindo hierarquias e suprimindo a contestação. Pensadores como Emma Goldman, Francisco Ferrer i Guàrdia, Ivan Illich, Pierre Bourdieu, Max Stirner, Mikhail Bakunin, Errico Malatesta, Voltairine de Cleyre, Peter Kropotkin, Élisée Reclus, bell hooks, e Silvio Gallo desconstruem a neutralidade da escola, revelando sua função de moldar sujeitos obedientes. Currículos padronizados, práticas disciplinares e a lógica meritocrática reforçam a submissão, enquanto marginalizam vozes dissidentes e perpetuam desigualdades.

A educação libertária, fundamentada na autonomia, no pensamento crítico e na solidariedade, oferece uma alternativa transformadora. Modelos como a Escola Moderna, a desescolarização de Illich, a pedagogia engajada de hooks, e as propostas de Kropotkin, Reclus, e Gallo demonstram que é possível criar espaços de aprendizado que capacitem os indivíduos a questionarem e transformarem a sociedade. Como Goldman (1970) afirma, “a educação deve ser a chave para a liberdade, não a corrente que nos prende” (Goldman, 1970, p. 64).

Para construir uma sociedade mais justa e igualitária, a educação deve ser reimaginada

como prática de insubmissão, rompendo com as estruturas hierárquicas da escola tradicional. Isso exige a adoção de práticas pedagógicas que valorizem a diversidade, a criatividade e a resistência, promovendo a liberdade individual e coletiva. A educação libertária, ao rejeitar a autoridade e priorizar a autonomia, oferece um caminho para a emancipação, capacitando os indivíduos a construir um mundo sem opressão.

### **REFERÊNCIAS**

- ALTHUSSER, L. Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado. Rio de Janeiro: Graal, 1970.
- BAKUNIN, M. God and the State. New York: Dover, 1971.
- BOURDIEU, P.; PASSERON, J.-C. A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1970.
- DE CLEYRE, V. Selected Works of Voltairine de Cleyre. New York: Mother Earth Publishing, 1914.
- FERRER I GUÀRDIA, F. La escuela moderna. Barcelona: Ediciones de la Escuela Moderna, 1901.
- FOUCAULT, M. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1975.
- GALLO, S. Pedagogia libertária: Anarquismo e educação. São Paulo: Imaginário, 2012.
- GOLDMAN, E. Anarchism and other essays. New York: Dover, 1970.
- hooks, b. Teaching to transgress: Education as the practice of freedom. New York: Routledge, 1994.
- ILLICH, I. Sociedade sem escolas. Petrópolis: Vozes, 1971.
- KROPOTKIN, P. Mutual Aid: A Factor of Evolution. London: Heinemann, 1902.
- MALATESTA, E. Anarchy and education. London: Freedom Press, 1920.
- RECLUS, É. L'Homme et la Terre. Paris: Librairie Universelle, 1894.
- STIRNER, M. O único e sua propriedade. São Paulo: Martins Fontes, [1844] 2000.



**COORDENAÇÃO:**  
Manuel Francisco Neto  
Vilma Maria da Silva

**AUTORES(AS):**  
Antônio Raimundo Pereira Medrado  
Constantino João Manuel  
Edson da Conceição Graça  
Fátima Cristina Moraes da Silva Soares  
Fernando Massi Argentino  
Josefa Bezerra de Meneses  
Luzinete Bispo dos Santos  
Manuel Paulo Chamorro  
Marilena Wackler  
Menezes Clemente Cambinda  
Mirella Clerici Loayza  
Sebastião Avelino Ferreira Fernando  
Solange Alves Gomes Zaghi  
Tavares dos Santos Muhongo  
Thais Maranhão Pereira Rodrigues  
Wilder Dala Quinjango

**doi** <https://doi.org/10.52078/issn2675-2573.rpe.58>



Indexadores: \_\_\_\_\_



Filiada à:



Parceiros:



Produzida exclusivamente com utilização de softwares livres



desenvolvido by  
OJS / PKP